
Sobre o realismo socialista

About Socialist Realism

Autoria: Ana Carolina Vasques

 ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4194-4964>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7484262738093472>

DOI: 10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212683

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/212683>

Recebido em: 01/06/2023. Aprovado em: 19/06/2023.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, Ano 12, n. 22, jan.-jun., 2023.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

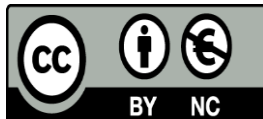
 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

VASQUES, Ana Carolina. Sobre o realismo socialista. *Opiniões*, São Paulo, n. 22, pp. 513-519, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2023.212683>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/212683>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

sobre o realismo socialista

Maksim Górkí

Tradução de Ana Carolina Vasques¹

A técnica do trabalho literário consiste, antes de tudo, no estudo da língua, o material básico de todo e qualquer livro, mas, especialmente, das belas letras. O conceito francês de *belle letre*, em russo, significa “palavra bela”. Por beleza, entende-se aquele conjunto de materiais variados – mas também os sons, cores e palavras – que conferem ao que foi criado, inventado por uma pessoa de maestria, uma forma que aja sobre a sensibilidade e a razão, como uma força que suscite nas pessoas surpresa, orgulho e alegria por sua criatividade.

A autêntica beleza da língua, que age como uma força, é criada pela precisão, pela clareza, e por palavras sonoras que moldam as cenas, as personagens e as ideias dos livros. Para o escritor-“artista”, é indispensável tanto um conhecimento amplo de todo o repertório de palavras do nosso riquíssimo dicionário, quanto a capacidade de escolher, dentre elas, as mais precisas, claras e fortes. Somente a combinação de tais palavras e a correta disposição delas – de acordo com seu sentido – entre os pontos finais, pode dar forma às ideias do autor, criar cenas claras e moldar figuras vivas das pessoas de modo tão convincente a ponto de o leitor enxergar o que foi representado pelo autor. O literato deve compreender que ele não só escreve com sua pena, mas desenha com as palavras — e não como um mestre da pintura, que representa pessoas imóveis, mas que tenta representar as pessoas em constante movimento, em ação, em conflitos infinitos entre si, em lutas de classes, grupos e indivíduos. Porém, não há movimento no mundo que não encontre oposição. Disso resta claro que, além da necessidade de estudar minuciosamente a língua, além de desenvolver a capacidade de selecionar dela as palavras mais simples, nítidas e pitorescas, a partir de uma linguagem literária cultivada com excelência, mas muito diligentemente entupida de palavras feias e vazias - além disso, o escritor deve ser dotado de um bom conhecimento da história passada e dos acontecimentos sociais da contemporaneidade, quando ele é conclamado a desempenhar dois papéis simultâneos: o de parteira e o de coveiro. Embora esta última palavra soe sombria, ela está exatamente onde deveria estar. Depende da vontade e da capacidade dos jovens escritores preenchê-la com um sentido animado e alegre. Para isto, basta lembrar que a nossa jovem literatura foi

¹ Ana Carolina Barros Vasques, formada em Letras pela USP (habilitação em russo e português), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Línguas Estrangeiras e Tradução (PPG-LETRA), com enfoque na área de tradução. E-mail: ana.vasques@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4194-4964>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7484262738093472>.

convocada pela história a aniquilar e sepultar todos os inimigos² — que não deixam de ser inimigos, mesmo que os amem.

É claro que é ingênuo e engraçado falar de “amor” em uma sociedade burguesa, onde um dos mandamentos morais assim diz: “Ame a teu próximo como a ti mesmo”, o que significa que o amor de uma pessoa em relação a si própria se sustenta como o principal modelo de amor (“O amor a si mesmo consiste em uma obrigação positiva da lei divina, sendo esse o ponto de partida do qual se desenvolve o nosso amor ao próximo”. “O mensageiro eclesiástico”, n. 45, 1909. Artigo “Sobre a queima de cadáveres”. Anônimo - provavelmente do prof. [Ivan Ievsieievitch] Ievsiéiev.) Sabe-se bem que a sociedade de classes não poderia ter se construído nem existir caso se submetesse aos mandamentos: “não furtarás” do próximo e “não o matarás”.

Na União dos Sovietes Socialistas,³ os meninos pioneiros⁴ já estão aprendendo a entender, e entendem, uma verdade repugnantemente óbvia: a civilização e a cultura da burguesia estão fundadas na luta constante e atroz da minoria de “próximos” abastados contra uma enorme maioria de “próximos” famintos. É absolutamente impossível “amar o próximo”, quando é preciso roubar dele, ou, caso ele resista ao roubo, matá-lo. Desde há muito tempo, no processo de desenvolvimento do “sistema” burguês, os pobres e famintos designavam entre eles bandidos para a terra e para a água, além de humanistas - pessoas que, sendo pouco abastadas, pregavam aos abastados e aos famintos a necessidade de conter seu egoísmo.⁵

Como a atividade dos bandidos desnudou de forma muito evidente a verdadeira base de governo dos ricos, surgiu para os ricos a necessidade de aniquilar uma parte dos bandidos e de envolver a outra na administração do governo. Nos tempos antigos, por exemplo, na Idade Média, os comerciantes e pequenos burgueses, em luta contra os artesãos e os camponeses, fizeram dos bandidos os seus próprios “líderes”: duques, ditadores, prelados da igreja etc. — esse método de autodefesa dos mascateiros contra os trabalhadores conservou-se até os nossos dias, em que os Estados burgueses são encabeçados por banqueiros, fabricantes de armas, corajosos aventureiros e, em geral, pelos “socialmente perigosos”.

Os humanistas também não deixavam os comerciantes viverem em paz. Portanto, a burguesia ou destruía, por variados métodos, aqueles que pregavam mais obstinadamente a necessidade de conter o egoísmo - inclusive queimando-os vivos na fogueira -, ou mesmo, como em nossos dias, seduzia-os à traição, elevando-os a altas posições, de onde os humanistas passavam a defender o sistema e a paz burgueses, como percebemos na atividade dos ministros europeus fabricados pelos comerciantes a partir de trabalhadores e ex-socialistas.

² No texto original em russo, a expressão utilizada foi “inimigos das pessoas”, a qual parece remeter à ideia de “inimigos do povo”, muito utilizada durante o governo Stalinista, como parte do processo de luta de classes, para caracterizar todos aqueles que se opunham ao regime soviético. No final dos anos 1930, com o enrijecimento do Stalinismo, a identificação de “inimigos do povo” serviu de justificativa para as ações repressivas do Grande Expurgo.

³ Górkí refere-se à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O autor é conhecido por denominar o país de formas variadas em seus textos.

⁴ O Movimento dos Pioneiros consistia em um conjunto de organizações juvenis na URSS, semelhantes às dos Escoteiros. As crianças ingressavam na organização no início da escola primária e nela permaneciam até a adolescência, momento em que era possível filiar-se à juventude do Partido Comunista.

⁵ Aqui a palavra egoísmo deve ser compreendida no sentido “de amor a si mesmo”.

Mas nada disso conduz a burguesia à “cooperação pacífica de classes” nem à “harmonia das relações sociais” por ela desejada – harmonia esta, cujo sentido consiste em uma minoria de “próximos” abastados que, possuindo “o poder político total”, promovem tudo o que lhes é vantajoso, enquanto uma maioria de “próximos” famintos se submetem docilmente a tudo que deles exigem os comerciantes abastados de todas as nações, saciados e entorpecidos de saciedade pelas “alegrias” de suas vidas criminosas. A história demonstra-lhes, de forma contínua e avassaladora, o quão ironicamente precário é o bem-estar até mesmo desses aventureiros homens de negócios, inteiramente acorrentados em ouro, como, o famoso “rei dos fósforos”, Ivar Kreuger,⁶ e outros do gênero.

A instabilidade da vida dos comerciantes se evidencia de forma eloquente pelos cada vez mais frequentes suicídios em seu meio. Mas aqueles que se autodestroem não modificam em nada aqueles que seguem vivos e que, mecanicamente, em uma sucessão de idiotas, continuam sua infame e insana obra – organizar um novo massacre sangrento, que provavelmente destruirá a casta das pessoas, cujo egoísmo é a causa de todas as infelicidades, de todo o infortúnio na vida do povo trabalhador.

Será muito útil ao jovem literato soviético, para assimilar o sentido da realidade – a qual é o material de seu trabalho –, imaginar-se balançando entre duas forças, uma das quais age sobre a sua razão, e a outra, sobre as emoções. Foi exatamente assim que a história o posicionou na época da derrocada do capitalismo, nos anos das brigas cada vez mais frequentes e sangrentas do proletariado com a burguesia, às vésperas da batalha mundial de classes e da inevitável vitória do socialismo. Mas, apesar de o barulho da luta iniciada ter sido grande, ele ainda é abafado pela coaxada rotineira dos pequenos burgueses que, rastejando atrás da grande burguesia, há muito tempo estão acostumados a comerciar e a roubar um pouquinho, e, por sua natureza, são incapazes de guerrear. Quando os grandes proprietários começam a guerra, os pequenos tornam-se pilhadores, matam e saqueiam os feridos, roubam dos mortos e, nesse ofício, muitas vezes crescem de pequenos a grandes. Sabe-se que as guerras burguesas “geram heróis”, mas geram ainda mais trapaceiros, já que os heróis geralmente são deixados nos campos de batalha desfeitos em pedaços, enquanto os trapaceiros mais hábeis irrompem na vida como proprietários, legisladores, e, após descobrir as vantagens do homicídio em massa, recomeçam a preparar o mesmo negócio lucrativo, porque a indústria de guerra é especialmente lucrativa. Existe um deus, de nome Lucro, o único em quem a burguesia acredita, a quem ela oferece sacrifícios sangrentos de milhões de operários e camponeses.

A pequena burguesia – assim como muitos trabalhadores envenenados pela proximidade física com aquela, vivendo afundados em pântanos até as orelhas – reclama da umidade. Esses lamentos absurdos, ao imiscuir-se nos apelos heroicos do proletariado revolucionário, acabam por abafá-los. Ao lamentar-se dos incômodos da vida no pântano pútrido e apertado, fazem pouquíssimo esforço

⁶ Ivar Kreuger foi um industrial e homem de negócios sueco do período entre guerras, conhecido como “o rei dos fósforos”, por ter fundado uma empresa multinacional de fabricação de fósforos, com monopólio em vários países. Após seu suicídio em 1932 na cidade de Paris, veio à luz uma série de fraudes ligadas a seu império empresarial, e o que levou à ruína de numerosas empresas e de investidores individuais.

para subir a um lugar alto e seco, e muitos estão até convencidos de que justamente o pântano é o “paraíso na terra”.

Mas, apesar da “plasticidade” necessária ao literato, vamos falar menos “plasticamente”.

Nosso escritor soviético deve estar bem ciente de que a maioria dos seus contemporâneos – o material do trabalho dele – são pessoas formadas pelos séculos da implacável luta de uns contra os outros por um pedaço de pão, e de que todos os seus “próximos”, cada um deles, foram dominados pela ambição ao bem-estar material. Essa é uma ambição absolutamente natural e em sua base está a necessidade biológica de alimentar-se, morar num lugar confortável etc. – é uma necessidade própria de todos os animais e insetos: a raposa e o falcão, a toupeira e a aranha, constroem ninhos e tocas, mas alguns predadores e parasitas matam mais do que conseguem devorar. Toda a cultura da humanidade foi erigida sobre a ambição das pessoas ao bem-estar material, mas seu parasita, a burguesia, com seu poder e ilimitada possibilidade de exploração dos operários e camponeses, criou, com base na satisfação das necessidades essenciais, aquele excedente sedutor que se denomina “luxo”. Ela própria reconhece a influência perversa deste excedente: na República da Roma Antiga, por exemplo, existiam leis contra o luxo; na Idade Média, a burguesia da Suécia, da França e da Alemanha lutaram contra o crescimento do luxo. A burguesia sempre devorou mais mão de obra alheia do que era necessário para a satisfação de suas próprias e amplas necessidades. Ela se contaminou com o desejo pelo lucro fácil, pela acumulação de dinheiro e de coisas, contaminou-se e contaminou o mundo todo. Foi esse contágio que nos gerou a idiotice do quadro contemporâneo: nas capitais da Europa, há ruas inteiras de lojas de artigos de ouro, de pedras preciosas, de “tranqueiras luxuosas”, para cuja criação gasta-se uma quantidade massiva da valiosa energia da classe operária, enquanto a classe operária passa fome. Ela teve completamente arrancada de si a possibilidade de desenvolver suas aspirações, habilidades e talentos. O desejo pequeno-burguês de uma insensata acumulação de coisas, o desejo doentio de propriedade privada foi inculcado até nela.

Não se deve pensar que eu sou contra o luxo em geral. Não, eu sou a favor do luxo para todos, mas contrário à idolatria das coisas. Faça as coisas da melhor forma possível e elas serão mais duráveis, lhe pouparão desperdício de trabalho supérfluo — mas “não transforme em seu ídolo” uma bota, mesa ou livro que você tenha feito: eis um bom “mandamento”! E seria muito bom se nossa juventude operária adotasse esse mandamento.

Os idólatras do bem-estar material, da tranquilidade e do conforto “por todos os meios” continuam a acreditar na possibilidade de uma vida individual, sólida, fácil e “bela” ainda em nossos dias de desintegração generalizada da cultura burguesa. A base dessa crença, é escusado repetir, há de ser o egoísmo, inculcado nas pessoas pela história do passado e reforçado pela Igreja – seus “santos” são os mais típicos egoístas e misantropos. Na filosofia iluminista, o sábio alemão pequeno-burguês Immanuel Kant, que raciocinava de forma exemplarmente mecânica e alheia à vida, como um morto, afirmou de forma especialmente diligente o egoísmo – em outras palavras, o individualismo.

Essa é uma crença atrasada e, como toda crença, cega. Mesmo assim, ela refreia as pessoas, incutindo nelas a convicção absurda e falsa de que cada um de nós é “o começo e o fim” do mundo, “único” e o melhor e mais valioso. Nessa autoavaliação, é especialmente clara a influência da propriedade privada: ao reunir

as pessoas apenas física e mecanicamente para agredir – para a exploração dos pouco armados ou desarmados –, ela, por necessidade e pela “lei” da concorrência, mantém todos eles num estado de autodefesa contra o proprietário “próximo” e correligionário “próximo”. Ao reunir os burgueses exteriormente para o ataque, internamente a propriedade os divide na autodefesa de um em relação ao outro, pois é “cada um por si” e, com isso, cria-se uma verdadeira vida de lobo. O provérbio “o homem é o lobo do homem” foi criado exatamente pela moral dos proprietários.

O individualismo zoológico é a doença com a qual a burguesia contaminou o mundo todo e em decorrência da qual, como vemos, ela está perecendo. É certo que, quanto mais rápido ela perecer, melhor para os trabalhadores da Terra. Eles têm condições de acelerar esse processo.

Para o jovem escritor soviético, a pequena burguesia é um material difícil e perigoso, por sua capacidade de contaminar e envenenar. O nosso jovem escritor “principiante” não observou os pequenos burgueses em sua “força e glória”, conhece mal e apenas por livrinhos o passado burguês recente. A vida doentia e inquieta da burguesia europeia em degradação lhes é pouco conhecida, também só por livros e jornais. Em seu país ainda existem numerosos restos da pequena burguesia destruída, que mais ou menos habilmente se fazem passar por “animais socialistas”, infiltram-se até entre os comunistas, defendem seu “eu” com toda a força da astúcia, da hipocrisia e da mentira – uma força herdada de um passado multissecular. De forma consciente e inconsciente, eles sabotam, fazem corpo mole, aproveitam-se dos outros e saem de seu meio como trabalhadores incompetentes, espões e traidores.

A respeito desses restos de lixo humano expulsos de nosso país, foram e estão sendo escritos bastantes livros, mas quase nenhum desses livros são fortes o bastante – representam o inimigo de forma muito superficial e meio pálida. Baseados em “casos particulares”, eles têm um caráter anedótico, não se sente neles a “historicidade” necessária à obra artística e sua importância educativa socialista é muito rasa. É claro que, em 15 anos, não se cria um Molière ou um Balzac, não se consegue um autor como o de “O inspetor geral” ou “A família Galavlióv”, mas, num país onde, ao longo desses anos, a energia da classe trabalhadora construiu novas cidades e fábricas gigantes, e está transformando a geografia física de sua terra, ligando os mares a canais, irrigando e povoando os desertos, enriquecendo admiravelmente o Estado com incontáveis descobertas de tesouros nas entranhas da terra; num país, onde a classe trabalhadora produziu centenas de inventores, dezenas de grandes trabalhadores da ciência, onde a classe trabalhadora dá vida anualmente a quase um milhão e meio de jovens que recebem educação superior – nesse país, é possível elevar as exigências em relação à literatura.

Nesse país, a jovem literatura já tem várias conquistas formais muito valiosas, seu nível de abrangência da realidade está se tornando cada vez mais amplo e é natural desejar que ele se torne mais profundo. Ele será, sim, mais profundo se os jovens literatos entenderem a necessidade de estudarem, de ampliarem seu conhecimento, de desenvolverem sua capacidade cognitiva, de estudarem a técnica da atividade revolucionária, de profunda importância e responsabilidade, que eles escolheram.

Submetendo-se à atração de duas forças da história – o passado pequeno burguês e o futuro socialista –, as pessoas oscilam visivelmente: o princípio emocional puxa para o passado e o intelectual, para o futuro. Há muita gritaria, mas não há uma

sensação de confiança tranquila de que um caminho bem definido tenha sido escolhido de maneira firme e resoluta, embora ele tenha sido bastante indicado pela história.

Mesmo depois de falido e caduco, o individualismo ainda vive e age, revelando-se nos fenômenos da ambição pequeno burguesa, na aspiração a meter-se na frente, em um lugar de visibilidade, o mais rápido possível, em um trabalho “só para se mostrar”, fingido e desleixado, que compromete o proletariado e, principalmente, em um trabalho “na linha de menor resistência”. Na literatura, essa linha é a da postura crítica com relação ao passado. Como já dito acima, seu rosto asqueroso é conhecido de forma superficial e teórica pelos jovens literatos. A facilidade de representação crítica do passado desvia os autores da necessidade de representar os grandiosos eventos e processos do presente.

Os jovens autores ainda não têm uma força suficientemente vigorosa para inculcar no leitor o ódio ao passado e, portanto, eles não só falham em afastar o leitor do passado, como, a meu ver, rememorando constantemente o passado, fortalecem-no, fixam-no e o conservam na memória do leitor.

Para que a indecência venenosa e aprisionante do passado fosse bem esclarecida e compreendida, seria necessário desenvolver em si a aptidão para olhá-lo da altura das conquistas do presente e dos propósitos grandiosos do futuro. Esse ponto de vista elevado deve e vai despertar aquele entusiasmo orgulhoso e alegre que dará à nossa literatura um novo tom, ajudando-a a criar novas formas e um novo direcionamento que nos é indispensável: o realismo socialista, que, obviamente, só pode ser criado sobre os fenômenos da experiência socialista.

Vivemos em um país feliz, onde há a quem amar e respeitar. Nosso amor às pessoas deve surgir – e surgirá – do sentimento de admiração da sua energia criativa, do respeito mútuo entre as pessoas, de sua ilimitada força laboral coletiva, criadora de formas socialistas de vida e a partir do amor ao Partido, que é o guia do povo trabalhador do país inteiro e professor do proletariado de todos os países.